

Tradução

A INFLUÊNCIA DE BERKELEY NA FILOSOFIA AMERICANA

BERKELEY'S INFLUENCE ON AMERICAN PHILOSOPHY

Richard Popkin

Jaimir Conte
j.conte@ufsc.br

Universidade Federal de Santa Catarina
<https://orcid.org/0000-0001-9613-3024>

Popkin, Richard H. "Berkeley's Influence on American Philosophy". *Hermathena*, No. 82, Homage to George Berkeley (1685-1753): A Commemorative Issue (November 1953), pp. 128-146.

Nenhuma figura na história da filosofia europeia teve uma influência mais direta e duradoura no pensamento americano do que George Berkeley; primeiro através de sua viagem à América, quando ele pessoalmente concedeu às jovens colônias o benefício de sua sábia assistência e, mais tarde, por meio de suas realizações filosóficas. Desde sua chegada em 1729 até os dias atuais, Berkeley teve uma grande e contínua influência sobre o pensamento americano, uma influência cujos modos variados refletem a ascensão da América da infância filosófica à maturidade – até o cumprimento da profecia que Berkeley previu em seu poema sobre a América.

Em sua chegada, Berkeley encontrou nas colônias da Nova Inglaterra o primeiro terreno fértil para sua visão idealista. Enquanto a Europa o ridicularizava como um tolo bem-intencionado, um louco, um cético incorrigível e até pior, na América Berkeley encontrou um público receptivo e talvez seu primeiro e mais fiel discípulo – o americano Dr. Samuel Johnson, futuro presidente do King's College, agora Universidade Columbia. Acredito que as razões para a recepção inicial das visões de Berkeley na América derivam de dois fatores. O primeiro é a grande honra que ele concedeu às jovens colônias ao ser o primeiro visitante intelectual importante. Não há dúvida de que a visita deu grande prestígio a uma teoria que, de outra forma, poderia ter sido pouco conhecida ou compreendida pelos acadêmicos das colônias. Os

donativos deixados por Berkeley às jovens faculdades estabeleceram um vínculo entre ele e aqueles interessados em questões intelectuais¹. Mas, mais do que o contato pessoal e a ajuda dada por Berkeley, o clima intelectual era tal que tornava as ideias de Berkeley mais facilmente aceitáveis.

Esta afirmação pode parecer um pouco incrível, considerando as condições predominantes na época. As teorias altamente sofisticadas de um clérigo anglicano poderiam parecer totalmente deslocadas nas colônias americanas rudes e instáveis, dominadas intelectualmente pelo puritanismo calvinista, mais interessadas em problemas mais urgentes relacionados aos indígenas e ao solo do que em saber se a “matéria” existe. Tocqueville observou no século XIX “que em nenhum país do mundo civilizado se presta menos atenção à filosofia do que nos Estados Unidos. Os americanos não têm escolas filosóficas próprias e pouco se importam com todas as escolas em que a Europa está dividida, cujos próprios nomes eles mal conhecem².” Se isso era verdade em 1835, era ainda mais verdadeiro quando Berkeley chegou.

As opiniões de Berkeley eram aparentemente desconhecidas até pouco antes de sua chegada. Samuel Johnson leu os *Princípios* pouco antes da visita do autor. O próprio contexto dos problemas que a obra apresentava provavelmente era desconhecido até a chegada da coleção de livros de Dummer em 1714. Johnson, então tutor de uma pequena faculdade que viria a se tornar a Yale, entrou em contato com as ideias de Isaac Newton e John Locke. Diante desta extraordinária visão do mundo, ele foi incapaz de manter sua simples fé calvinista e deixou o cargo para se tornar um ministro anglicano. Ele estava buscando uma base para a religião compatível com a “nova ciência”³. Seu aluno, o grande metafísico e teólogo Jonathan Edwards, uma das poucas mentes metafísicas originais produzidas na América, também estava lutando, com muito mais insight, para justificar o calvinismo dentro do mundo de Newton e Locke. Embora Edwards – que mais tarde se tornaria o líder do calvinismo ortodoxo no Grande Despertar, incendiaria os corações pecaminosos com seus sermões gloriosos e, por fim, seria o presidente do College of New Jersey, hoje Universidade de Princeton – provavelmente nunca tenha lido Berkeley quando jovem, ele desenvolveu uma visão imaterialista semelhante à do Bispo de Cloyne. Edwards, com a idade precoce de 16 ou 17 anos, desenvolveu um novo idealismo para

¹ Os detalhes da visita de Berkeley aos Estados Unidos e de seus donativos para as várias instituições nas Colônias podem ser encontrados em Benjamin Rand, *American Sojourn, de Berkeley* (Cambridge, Massachusetts, 1932).

² Alexis De Tocqueville, *Democracy in America*, translated by Henry Reeve, Part II, vol. iii (London, 1840), p. I.

³ Sobre as primeiras ideias de Johnson, ver Herbert W. Schneider, ‘The Mind of Samuel Johnson’, in *Samuel Johnson, President of King’s College. His Career and Writings*, ed. by H. and C. Schneider, 4 vols. (New York, 1929), II, pp. 1-14.

substituir o idealismo platônico anterior da herança agostiniana do calvinismo da Nova Inglaterra. Ele pode ter absorvido ideias de Malebranche, dos platônicos de Cambridge ou de John Norris. Em suas *Notes on the Mind*, Edwards observou que “toda existência material é apenas ideia”. As coisas que não estão sendo observadas no momento existem “na suposição delas por Deus”. Edwards estabeleceu um imaterialismo radical nesta obra, na qual toda a ordem da Natureza é vista como uma sucessão de ideias reguladas na Mente Divina. Nossos órgãos sensoriais são ideias, conectadas com seus objetos, outras ideias, por uma regularidade estabelecida por Deus. Pode-se encontrar muitos paralelos impressionantes entre as ideias do jovem Jonathan Edwards em busca de uma base racional para seu calvinismo no mundo da “nova ciência” e a elegante teoria de Berkeley concebida para responder ao ceticismo e à infidelidade da época e evitar as perigosas implicações do lockeanismo, do newtonismo e do malebranchismo⁴. O que é principalmente pertinente a este artigo é que a tentativa de Edward de propor uma teoria imaterialista antes da chegada de Berkeley e sua posterior defesa da mesma como resposta ao arminianismo mostram que havia um terreno fértil nas colônias da Nova Inglaterra para as opiniões de Berkeley. Essa filosofia poderia chocar os europeus, mas não os combativos teólogos da Nova Inglaterra.

Pouco depois da chegada de Berkeley, Samuel Johnson relatou que havia grande interesse pela teoria do imaterialismo. Em 10 de setembro de 1729, Johnson escreveu a Berkeley: “sou da opinião de que essa forma de pensar não deixará de prevalecer no mundo, pois é provável que prevaleça muito entre nós nesta região, já que vários homens engenhosos a adotaram por completo⁵.” Após Berkeley ter enviado a Johnson algumas respostas às dificuldades que haviam sido levantadas e insistido que ele estudasse cuidadosamente os textos de Berkeley, Johnson respondeu que não tinha tido oportunidade de estudar os livros porque amigos os pegavam emprestados constantemente; um homem em Nova York ficara com *Uma Nova Teoria da Visão*, alguém em Long Island estava com os *Diálogos*. “Mas me conformo melhor com a falta deles porque sei que estão fazendo bem⁶.”

Quando Berkeley abandonou toda a esperança de fundar uma faculdade no Novo Mundo, sua filosofia já estava bem estabelecida nas colônias. Muitas pessoas a haviam lido com interesse, e Johnson estava pronto para defendê-la e propagá-la por toda a América. A

⁴ O imaterialismo de Edwards aparece em *Notes on the Mind*, in *The Works of President Edwards*, ed. por S. E. Dwight, 10 vols. (Nova York, 1829-30), I, Apêndice. Ver especialmente as seções 9, 13, 27, 36 e 40.

⁵ Samuel Johnson. *His Career and Writings*, II, p. 263.

⁶ *Ibid.*, p. 275.

generosidade de Berkeley para com as jovens colônias, especialmente suas recém-criadas escolas de ensino superior, lhe rendeu muitos amigos (embora Johnson relatasse de tempos em tempos a atitude escandalosa do College of New Haven em relação ao anglicanismo de Berkeley, ao mesmo tempo em que usavam seus donativos). Johnson não foi o melhor dos discípulos; ele trabalhou muito em sua tarefa e teve sucesso, especialmente por meio de seus livros didáticos, em fazer com que a filosofia de Berkeley fosse a visão ensinada em algumas das faculdades. Mas Johnson não tinha a perspicácia necessária para dominar as ideias que defendia e argumentar em seu favor. Além disso, seus interesses tendiam para as controvérsias teológicas que agitavam a Nova Inglaterra e, por isso, ele sempre via o imaterialismo de Berkeley à luz das disputas entre os arminianos e os calvinistas. Johnson também desejava preservar um mundo real e permanente do qual as nossas ideias não faziam parte, assim como o Espaço Absoluto de Newton. Ele defendia a doutrina dos espíritos de Berkeley, mas temia que ela levasse a visões perigosas na controvérsia sobre o livre-arbítrio. Para evitar as muitas armadilhas e dificuldades envolvidas, Johnson teve que se esforçar para rever os pontos de vistas de seu mentor. Como resultado, o imaterialismo johnsoniano, como o professor Schneider destacou, “pretendia ser fiel ao de Berkeley; mas a herança puritana era tão forte em Johnson que seu imaterialismo combinou superficialmente seu antigo platonismo e seu novo anglicanismo⁷”. Embora Johnson tentasse tornar o berkelianismo a visão oficial ensinada nas faculdades e se esforçasse para transformá-las na imagem viva do projeto acadêmico de Berkeley, ele não conseguiu apresentar nem defender um imaterialismo consistente. E, embora o berkelianismo tenha predominado momentaneamente como a visão privilegiada nos cursos de filosofia, ele logo desmoronaria diante do primeiro ataque.

Apesar de todos os esforços de Johnson, o berkelianismo, na forma como ele o apresentou, não estava destinado a sobreviver. A influência duradoura de Berkeley não viria na forma de repetição escolástica de suas doutrinas, nem em seu uso nas controvérsias teológicas agonizantes da época. Outras influências filosóficas estavam chegando às colônias, e os aspectos vitais do berkelianismo teriam de competir com elas por meio de filósofos capazes de se adaptar à adolescência do pensamento americano, e não à sua infância.

A segunda fase da influência de Berkeley foi negativa, na qual Berkeley precisou ser refutado; Johnson teve que ser desacreditado para que outras teorias pudessem ganhar espaço. O impacto do avanço da ciência se opôs a Berkeley e Johnson por meio dos escritos de Cadwalader Colden, um homem formado em ciências na Europa. Sem dúvida, ele chocou o Dr.

⁷ Herbert W. Schneider, *A History of American Philosophy* (New York, 1946), p. 21.

Johnson ao escrever-lhe, após ler o *De Motu*, “Acho que o Doutor [Berkeley] fez, nesta e em suas outras obras, a maior compilação de concepções confusas e mal elaboradas, tanto dos escritos dos antigos quanto dos modernos, que jamais encontrei nas obras de qualquer homem⁸”. Ele também acusou Berkeley de não entender matemática⁹. Em filosofia, Colden argumentou que, se a matéria fosse considerada inerte e passiva, ou seja, como realmente não fazendo nada, então a afirmação de Berkeley de que ela era incognoscível seria irrefutável. Se a matéria existe, ela deve ter algum poder, pelo menos o poder de excitar impressões em nós. E assim Colden desenvolveu sua teoria de que tanto a matéria quanto o espírito são ativos, possuindo poder¹⁰. Johnson tentou convencer Colden de que uma matéria ativa não era necessária para explicar o mundo, que tudo poderia ser explicado apenas com a atividade dos espíritos, e que o poder em um corpo não inteligente era contrário ao bom senso e à religião¹¹. Colden manteve-se firme em suas teorias científicas e sua crença de que a ciência exigia a matéria. Ele só pôde dizer a Johnson que, “um de nós deve estar cometendo um grande erro¹².” A falta de conhecimento científico de Johnson o tornou incapaz de defender seu mentor diante desse ataque.

O ataque mais influente a Berkeley veio dos professores religiosos conservadores, que estavam preocupados com o impacto do deísmo e da irreligião. Diante de ideias como as de Tom Paine e Ethan Allen, eles buscaram uma teoria que pudesse salvar a ortodoxia e encontraram tal visão na rejeição escocesa de Hume – o realismo do senso comum de Thomas Reid. E aqui eles encontraram um novo Berkeley, não o sábio admirável e filantrópico retratado por Johnson, mas um tolo amável, que tentou salvar a religião, mas acabou por abrir as comportas ao perigoso ceticismo de Hume. Berkeley já não era o defensor do imaterialismo; tornou-se o precursor de Hume. Como muitos outros, sofreu o destino de ser simplificado até se tornar apenas uma engrenagem na roda da história, uma etapa curiosa no caminho entre Locke e Hume. Esse novo Berkeley precisava ser desmascarado e exposto por aquilo que realmente era. O controle das jovens faculdades americanas precisava ser retirado de seus seguidores para que a ortodoxia pudesse ser protegida pelo realismo escocês.

⁸ Carta de Colden a Johnson, de 19 de novembro de 1746, in *Samuel Johnson. His Career and Writings*, II, p. 293.

⁹ Carta de Colden a Johnson, de 26 de março de 1744, in *ibid.*, p. 287.

¹⁰ Cadwallader Colden, ‘An Introduction to the Study of Philosophy Wrote in America for the Use of a Young Gentleman’, in Joseph L. Blau (ed.), *American Philosophic Addresses, 1700-1900* (New York, 1946), pp. 297-303.

¹¹ Ver as Cartas de Johnson a Colden in *Samuel Johnson. His Career and Writings*, II, especialmente pp. 290-2 e 303.

¹² Carta de Colden a Johnson, 20 de dezembro de 1752, *ibid.*, p. 300.

A principal batalha foi travada em Princeton, onde “a teoria fantasiosa do Bispo Berkeley, como uma espécie de devaneio filosófico, manteve sua prevalência por um tempo¹³”. A partir de John Witherspoon – um clérigo escocês que chegou à América em 1768 – e seu genro, Samuel Stanhope Smith, a quem Witherspoon teve que afastar da influência de Berkeley, as faculdades americanas foram conduzidas “das nebulosas especulações do imaterialismo para a clara luz do senso comum¹⁴”. Witherspoon e Smith refutaram e difamaram o sistema imaterialista, “uma tentativa desvairada e ridícula de abalar os princípios do senso comum por meio de raciocínios metafísicos¹⁵”. A refutação de Berkeley por Reid tornou-se parte padrão do repertório filosófico americano, às vezes apresentada de forma polida, como em Samuel Miller, e outras vezes em um estilo mais grosseiro, como o oferecido por um realista escocês renegado, Frederick Beasley, que, depois de insultar Berkeley por várias páginas, exclamou: “quando a filosofia deixará de se desonrar com tolices e absurdos?¹⁶”

A última fase do realismo escocês americano no século XIX foi mais refinada e tolerante em sua rejeição a Berkeley. Francis Bowen, de Harvard, e James McCosh, de Princeton, apresentaram críticas mitigadas por influências kantianas e hamiltonianas, bem como por uma maior apreciação das contribuições da filosofia empírica britânica. Ambos admiravam o espírito religioso e as habilidades críticas de Berkeley, mas, no final, acreditavam que Reid e Hamilton haviam encontrado a maneira de responder aos problemas levantados por Berkeley¹⁷.

Em meados do século XIX, começavam a surgir tentativas de desenvolver uma filosofia americana nova e mais original, fora dos limites estreitos do realismo escocês. Estava prestes a começar uma era de genuíno esforço filosófico, na qual se buscava expressar uma filosofia adequada ao ambiente e aos ideais do país. E, neste contexto, um estudo mais cuidadoso e renovado de Berkeley desempenharia um papel vital. Emerson e outros transcendentalistas

¹³ Essa descrição de Princeton foi dada por Frederick Beasley em *A Search of Truth in the Science of the Human Mind*, Parte I (Filadélfia, 1882), p. ii.

¹⁴ Cf. o artigo sobre ‘Smith, Samuel Stanhope’ no *Dictionary of American Biography*, XVII (London, 1935), p. 344. Uma certa descrição da Guerra contra o berkelianismo em Princeton aparece em I. Woodbridge Riley, *American Thought* (New York, 1915), pp. 127ss.

¹⁵ Cf. John Witherspoon, *Lectures on Moral Philosophy, and Eloquence*, 3a ed. (Philadelphia, 1810), pp. 18-9; e Samuel Stanhope Smith, *The Lectures Corrected and Improved, on the Subjects of Moral and Political*, 2 vols. (Trenton, 1812), vol. I, pp. 134-9.

¹⁶ Samuel Miller, *A Brief Retrospect of the Eighteenth Century*, 3 vols., (London, 1805), II, pp. 172-7, e 214; e Beasley, *op. cit.*, pp. 203-25. Beasley insistiu que Berkeley, Hume e Reid todos entenderam mal Locke e, portanto, chegaram aos seus resultados absurdos.

¹⁷ Francis Bowen, *Critical Essays on a few Subjects Connected with the History and Present Condition of Speculative Philosophy*, 2nd ed. (Boston, 1845), pp. 264-309; e James McCosh, *Realistic Philosophy* (London, 1887), pp. 88-113.

podem ter obtido alguns insights a partir de Berkeley¹⁸. Ele se tornaria uma inspiração para novas teorias e novos métodos, para o pragmatismo e o idealismo.

Uma das indicações mais interessantes do novo papel que Berkeley viria a desempenhar encontra-se nos comentários daquele estranho teólogo americano, o velho Henry James, pai de William e Henry James. O Berkeley discutido por James era radicalmente diferente daquele dos realistas escoceses. James percebeu, como provavelmente ninguém antes dele na América havia percebido, o que Berkeley quis dizer com sua negação do *substratum* material e sua insistência na realidade do mundo sensível, ou seja, que a fenomenalidade do mundo sensível era sua própria natureza, que o mundo sensível existia, mas não possuía uma natureza suprassensível. A partir disso, James passou a defender a sua própria versão do idealismo, afirmando que o mundo material existe apenas como fenômeno na mente humana, que “a natureza está envolvida na própria subjetividade humana”, e que cada parte da natureza “está contida no homem, e só retira seu sustento dos seios de seu grande destino¹⁹.”

Nos anos que se seguiram à Guerra Civil, dois tipos de filosofia floresceram nos Estados Unidos – o pragmatismo e o idealismo. À medida que o primeiro se desenvolvia e ganhava popularidade, seu principal porta-voz, William James, tentou explicar suas origens históricas. O método pragmático, disse ele, foi introduzido inicialmente por Locke, Berkeley e Hume, “os primeiros a introduzir o costume de interpretar o significado das concepções perguntando que diferença elas fazem para a vida²⁰”. James atribuiu o renascimento ou renovação desse método ao brilhante e então pouco conhecido filósofo Charles Sanders Peirce²¹. Ao discutir essa atribuição, Peirce escreveu a James, “Berkeley, no geral, tem mais direito de ser considerado o introdutor do pragmatismo na filosofia do que qualquer outro homem, embora eu tenha sido mais explícito ao enunciá-lo²².”

No surgimento do pragmatismo americano nos escritos de Peirce e James, podemos ver tanto o papel vital desempenhado por Berkeley, quanto como ele não apenas inspirou o método pragmático, mas também levou Peirce e James a suas próprias visões peculiares por meio de

¹⁸ Cf. Woodbridge Riley, *op. cit.*, pp. 160, 168-70; e Theodore Parker, ‘Transcendentalism’, in W. G. Muelder e L. Sears, *The Development of American Philosophy* (Boston e New York, 1940), pp. 130-9.

¹⁹ Cf. Henry James, Sr., ‘Berkeley and his Critics’, in *Lectures and Miscellanies* (Redfield, N.Y., 1852), pp. 333-40.

²⁰ William James, ‘Philosophical Conceptions and Practical Results’, in *Collected Essays and Reviews* (London, 1920), p. 434.

²¹ *Ibid.*, p. 434.

²² Carta de Peirce a James, de 23 de Janeiro de 1903, reproduzida em Ralph Barton Perry, *The Thought and Character of William James*, 2 vols. (Boston, 1936), II, p. 425.

suas reações a ele. O *Metaphysical Club* de Cambridge, Massachusetts, ao qual Peirce e James pertenciam, debatia diversos problemas epistemológicos ligados à ciência moderna. A maioria dos membros estava insatisfeita com as teorias dos realistas escoceses, e um tanto cética quanto à alternativa do empirismo britânico. Em 1871, alguns dos frutos dessas discussões apareceram na resenha de Peirce da edição de Berkeley feita por Fraser, uma das primeiras obras de Peirce²³.

Nessa resenha, Peirce, apresentou publicamente pela primeira vez seu teste que viria a se tornar o método pragmático. Peirce considerava que esse teste, um procedimento para determinar se algo existe ou não, era a parte mais fecunda da obra de Berkeley (“isso, e não a água de alcatrão, é que deu saúde e força às obras anteriores de Berkeley”), e serviria para esclarecer muitos problemas científicos e filosóficos²⁴. Tal como proposto nos escritos de Berkeley, o teste consistia em “ver” se uma ideia de uma determinada entidade poderia de fato ser concebida. Se não fosse possível, então o objeto não existia. Peirce sugeriu que o teste fosse formulado em termos da pergunta: “As coisas cumprem a mesma função na prática?” Se sim, então elas são a mesma coisa²⁵. Em termos da análise berkeleyana da matéria, a sequência de experiências sensoriais tem a mesma função que a matéria e, portanto, o conceito “matéria” é o mesmo que a sequência de experiências que temos. Em um artigo posterior, Peirce formulou o teste como a tese de que o significado de um conceito envolve nosso reconhecimento dele e os hábitos gerais de conduta que uma crença na verdade de tal conceito razoavelmente desenvolveria²⁶. Ao comentar esse procedimento metodológico, que desempenharia um papel tão importante na revolução da filosofia americana, Peirce afirmou que foi “o método não formulado seguido por Berkeley” que ele começou a defender no *Metaphysical Club* em 1871, e que desenvolveu em artigos posteriores²⁷.

Por outro lado, ao revisar as obras de Berkeley, Peirce constatou que o nominalismo nelas presente era inaceitável e precisava ser substituído pelo realismo medieval de Duns Scotus. Peirce insistia que a ciência moderna não poderia ser justificada por princípios nominalistas e, portanto, tampouco com base no berkeleyanismo. Para revelar a razão do abandono do caminho

²³ Charles S. Peirce, ‘The Works of George Berkeley, D.D.’, *North American Review*, cxiii (Boston, 1871), pp. 449-72. Outra resenha foi publicada por um membro do *Metaphysical Club*, Chauncey Wright. Cf. *Nation*, xiii (New York), pp. 59-60, 355-6 (resenha de Wright da resenha de Peirce), e 386 (uma carta de Peirce).

²⁴ Charles S. Peirce, *Collected Papers of Charles Saunders Peirce*, ed. by C. Hartshorne and P. Weiss (Cambridge, Mass., 1931-5), vol. V, par. 11.

²⁵ Peirce, ‘Works of Berkeley’, p. 469.

²⁶ Peirce, ‘How to Make our Ideas Clear’, in Muelder and Sears, *op. cit.*, pp. 341-6.

²⁷ Peirce, *Collected. Papers*, vol. VI, par. 482.

defendido por Berkeley, Peirce voltou ao problema medieval da realidade do conhecimento humano antes confrontar as ideias do Bispo de Cloyne. A questão é quais elementos são independentes do que pensamos, ou seja, não são afetados pelo que ou como pensamos. Esses elementos constituem a realidade. O nominalista, afirmava Peirce, vê esses elementos como estando fora do pensamento humano, algo ao qual o pensamento é acidental. Para o realista, esses elementos objetivos estão dentro do pensamento, são as características para as quais a opinião humana tende universalmente ao longo do tempo, os universais que o conhecimento científico busca alcançar. Após analisar a estrutura nominalista do pensamento de Berkeley, Peirce concluiu que a maneira de justificar suas inclinações realistas não era debater com Berkeley, mas examinar a estrutura da lógica, da matemática e os procedimentos da ciência. Assim se perceberia a necessidade de fundamentar o empreendimento científico em um realismo “pragmático”, como o de Peirce, e não no nominalismo de Berkeley ou Mill. Dessa forma, Peirce passou de sua resenha de Berkeley ao desenvolvimento de seu próprio tipo de realismo²⁸.

William James teve uma reação semelhante à de Peirce em relação a Berkeley. Em termos metodológicos, Berkeley foi um de seus mestres, mas suas teorias eram inadequadas e precisavam ser superadas pelo “Empirismo Radical” de James. O estudo de Locke, Berkeley e Hume ensinou a James o valor da análise pragmática. A análise de Berkeley sobre a matéria era, para James, uma das melhores ilustrações dos frutos desse método, de como um problema filosófico poderia ser resolvido ao se descobrir o “valor real” de uma ideia²⁹. Mas o que faltou a Berkeley foi a coragem de levar seu método à sua conclusão adequada. “Nem Locke nem Berkeley pensaram sua verdade com uma perfeita clareza, mas me parece que a concepção que defendo não faz muito mais do que levar adiante de forma consistente o método ‘pragmático’ que eles foram os primeiros a empregar³⁰.” Após um longo estudo de Berkeley e Hume, que culminou em 1883-4 no curso de James sobre filosofia inglesa em Harvard, ele concluiu que a tentativa de seus predecessores britânicos de analisar ideias em termos de experiências havia sido abandonada cedo demais, o que os levou ao idealismo e ao solipsismo. O ‘Empirismo radical’ pretendia reformular o trabalho de Berkeley e Hume, sustentando que o uso sistemático do método pragmático revela duas correções às visões empíricas anteriores: primeiro, que aprendemos da experiência de forma ativa e não passiva; segundo, que as relações são

²⁸ Peirce, ‘Works of Berkeley’, pp. 449-72. Ver também Schneider, *History of American Philosophy*, p. 519; e Philip P. Weiner, *Evolution and the Founders of Pragmatism* (Cambridge, Mass., 1949), p. 75.

²⁹ Cf. Perry, *Thought and Character of William James*, I, p. 550; William James, *Pragmatism* (London, 1907), pp. 89-90, *Collected Essays and Reviews*, pp. 434-5, e *Essays in Radical Empiricism* (London, 1912), p. 212.

³⁰ James, *Essays in Radical Empiricism*, p. 11.

experienciadas diretamente tão diretamente quanto as qualidades. Em ambos os pontos, James considerava que Berkeley e Hume haviam distorcido os fatos. James desenvolveu sua própria filosofia ao elaborar sistematicamente a teoria da criatividade e da atividade da mente no conhecimento, da natureza das relações como características da experiência, e dos conceitos como modos de ação. O empirismo tradicional, insistia James, atomiza a experiência e torna a explicação do pensamento construtivo muito difícil. Ao negar o papel ativo da mente e a existência de relações experimentadas, o empirismo conduz ao idealismo e ao trans-empirismo como as únicas formas de unir a experiência. As correções de James ao empirismo o levaram a uma forma de naturalismo em que o conhecimento se tornou um processo, e a experiência o “estofó” do universo. Assim, começando com o método de Berkeley, James avançou rumo a uma nova filosofia que ultrapassava as limitações que ele via no berkelianismo³¹.

Assim, ambos os fundadores do pragmatismo americano, Peirce e James, encontraram em Berkeley um método para filosofar, bem como certas dificuldades a serem superadas. No final, foi por meio de suas críticas a Berkeley que desenvolveram suas próprias visões.

Quando voltamos nossa atenção para o idealismo americano, Berkeley foi naturalmente uma das influências significativas. Embora o idealismo na América tenha se originado principalmente do hegelianismo alemão e britânico, os argumentos de Berkeley também desempenharam um papel. Em seu desenvolvimento, uma das constantes recorrentes foi a tentativa de definir o lugar de Berkeley na teoria idealista e a necessidade de substituir suas ideias por uma forma mais moderna de idealismo.

Um prelado inglês, T. Collyns Simon, que uma vez ofereceu o não muito imaterial prêmio de £100 “por um único argumento a favor da hipótese vulgar sobre a natureza da matéria”, defendia o idealismo berkeliano contra o hegelianismo no *American Journal of Speculative Philosophy*³². No entanto, embora idealistas como G. H. Howison e Borden Parker Browne tenham tomado emprestados alguns elementos de Berkeley, o impacto significativo de Berkeley sobre o idealismo americano se deu nas tentativas desses pensadores de superar o que consideravam ser suas fraquezas, rejeitando a versão de idealismo de Simon em favor de um idealismo de tipo mais germânico. Em certo sentido, praticamente todos os idealistas americanos concordariam com o *credo* filosófico de Mary Calkins: “Baseio meu idealismo diretamente na posição

³¹ *Ibid.*, pp. 42-4, e 76-7, *Collected Essays and Reviews*, p. 435, e Perry, *op. cit.*, vol. 1, pp. 543-67.

³² Thomas Collyns Simon, *On the Nature and Elements of the External World: Or Universal Immaterialism Fully Explained and Newly Demonstrated*, 2nd ed. (London, 1862), p.vi, e ‘Berkeley’s Doctrine of the Nature of Matter’, *Journal of Speculative Philosophy*, 111 (St. Louis, 1869), pp. 336-44.

fundamental de Berkeley” – que o que conhecemos é uma realidade mental, mas eles discordam de Berkeley quanto ao que constitui uma realidade mental³³.

Isso fica claro nos comentários do maior idealista americano, Josiah Royce. “O sempre fascinante Bispo Berkeley”, declarou Royce, “forneceu a melhor introdução ao esquema idealista das coisas”, mas foi uma introdução que “nenhum outro filósofo estaria disposto a aceitar sem levá-lo imediatamente mais longe do que Berkeley o fez”. Berkeley percebeu que nosso conhecimento é todo de ideias. Mas isso, para Royce, é apenas metade da história idealista. Berkeley não conseguiu ir além do reconhecimento de que nenhuma substância existe independentemente de alguma mente, para ver tudo como organicamente contido em um Eu Absoluto; “não supomos, com Berkeley, que a Natureza existe unicamente em nossa experiência humana, nas leis válidas de sucessão que governam nossas experiências, e no propósito de uma Providência que está produzindo diretamente em nós a experiência em questão.” A natureza, assim como toda a vida humana e extra-humana, está em relação “com todo o organismo do Absoluto”, e é uma espécie de existência real. Há uma natureza interna à Natureza que só podemos compreender de maneira imperfeita, mas que é a chave para entendê-la como uma característica do Absoluto. E assim, para Royce, Berkeley não conseguiu perceber que há uma estrutura interna nas ideias, nos espíritos e na Natureza, que os une a todos em um Eu Absoluto, do qual cada elemento é apenas um fragmento³⁴.

Outro idealista, James Creighton, expressou esse ponto em uma crítica a Berkeley que revela a semelhança dessa tese idealista com a correção feita por William James a Berkeley. Creighton afirmou que Berkeley apenas transferiu a ordem das coisas para a mente, e as representou como tendo apenas relações externas ou acidentais. O idealismo genuíno tenta penetrar nas ideias para descobrir um conjunto interno de relações que conecta organicamente todas as partes ao Absoluto, e assim encontra um mundo não apenas de ideias, mas de significados³⁵.

Assim, para o idealismo americano do período pós-Guerra Civil, Berkeley não foi longe o suficiente. Ele dá o primeiro passo para ver tudo como mental, mas não consegue continuar até a visão hegeliana do mundo como totalmente compreendido pelo Absoluto, refletido nas ideias que nos são apresentadas, que estão internamente relacionadas à totalidade abrangente.

³³ Mary Whiton Calkins, ‘The Philosophical *Credo* of an Absolutistic Personalist’, in *Contemporary American Philosophy*, ed. by G. P. Adams and W. Montague, 2 vols. (New York, 1930), I, p. 205.

³⁴ Josiah Royce, *The Spirit of Modern Philosophy* (Boston e New York, 1892), pp. 71, 86-92 e 350-1; e *The World and the Individual*. 2 vols. (New York, 1913-6), II, pp. 234-7.

³⁵ James E. Creighton, *Studies in Speculative Philosophy* (New York (1925), pp. 257-61.

E assim, como também para os pragmatistas, Berkeley abriu o caminho, mas não avançou muito nele, cabendo aos novos pensadores levar sua intuição até seu devido ponto culminante.

Quando os realistas norte-americanos começaram a reagir contra a maré crescente do idealismo, um de seus principais ataques centrou-se nas doutrinas do Bispo Berkeley, consideradas cruciais para todo idealismo. O ataque de Ralph Barton Perry é provavelmente o mais conhecido. Em sua obra *Present Philosophical Tendencies*, ele tentou separar as partes válidas da análise de Berkeley, sua rejeição do dualismo de Descartes e Locke, das partes falaciosas, o idealismo de Berkeley, e deixar claras as falácias envolvidas. Esses erros, segundo Perry, eram a falácia da “definição por predicamento inicial”, e um argumento baseado no “predicamento egocêntrico”.

A primeira dessas falácias é a de tomar como propriedade essencial algo que pode ser, na verdade, accidental. Foi isso que Berkeley fez, de acordo com Perry, quando argumentou a partir do fato de que tudo o que conhecemos é uma “ideia”, que *esse est percipi*. O verdadeiro problema é se “ser percebido”, ou “ser pensado”, é uma propriedade essencial das coisas, ou apenas um acidente de como as conhecemos. E é aqui, insistiu Perry, que o idealismo deve provar sua tese em vez de simplesmente assumi-la.

O segundo erro que Perry descobriu foi que a limitação do nosso conhecimento, o predicamento egocêntrico de que nada pode ser concebido independentemente da consciência, não prova que as coisas não possam existir independentemente de serem conhecidas. O predicamento apenas indica que há uma “dificuldade metodológica peculiar” em tentar conhecer o que está fora da consciência. A questão que os idealistas precisam responder e ainda não responderam é: o predicamento egocêntrico é algo mais do que uma evidência circunstancial³⁶?

Sem nos desviarmos para avaliar os méritos das críticas de Perry, que, a meu ver, cometem justamente as falácias que alegam detectar em Berkeley, é importante notar que, para o movimento realista na América, essas críticas se tornaram uma pedra angular na construção de uma resposta não apenas a Berkeley, mas a todos os tipos de idealismo. Se Berkeley puder ser refutado, todos os outros idealistas cairão por terra. Nos famosos volumes de *The New Realism* e *Essays in Critical Realism*, os mesmos ou semelhantes ataques a Berkeley, visto como o cerne do idealismo, se repetem³⁷.

³⁶ Ralph B. Perry, *Present Philosophical Tendencies* (New York, 1912), pp. 122-32.

³⁷ *The New Realism*, Co-operative Studies in Philosophy de E. B. Holt, W. T. Marvin, W. P. Montague, R. B. Perry, W. B. Pitkin e E. G. Spaulding (New York, 1912), pp. 6-16, e 258; e *Essays in Critical Realism*, A Co-operative Study of the Problem of Knowledge de D. Drake, A. O. Lovejoy, J. B. Pratt, A. K. Rogers, G. Santayana, R. W. Sellars, and C. A. Strong (London, 1920), p. 7.

E, por fim, qual foi a influência de Berkeley no pensamento americano do século XX? À medida que os interesses filosóficos americanos se tornaram mais diversificados e mais e mais influências passaram a atuar sobre eles, a posição privilegiada de Berkeley desapareceu gradualmente, e ele se tornou parte do cânone oficial da filosofia, que todos os aspirantes a filósofos devem dominar e assimilar. À medida que pessoas de diferentes temperamentos estudaram Berkeley, encontraram nele mensagens diversas e variadas – um caminho para o hegelianismo; um tipo de naturalismo realista do senso comum, etc³⁸. George Santayana, que relatou que, quando estudou Berkeley pela primeira vez na faculdade, pouco achou de interessante em sua obra, mais tarde desenvolveu sua teoria das essências a partir da teoria das noções de Berkeley. Foi, sem dúvida, uma transformação radical, do idealismo para o materialismo, de uma forma de absolutismo para um tipo de ceticismo. As noções tornaram-se os únicos objetos diretos e significativos das sensações e pensamentos humanos, expressos por percepções fragmentárias, essências tanto do universo material quanto dos ideais humanos. Segundo Santayana, Berkeley era “demasiado ignorante e precipitado para compreender o quão vazios seriam todos os ideais espirituais ou poéticos se não expressassem a dependência trágica do homem em relação à natureza e o desenvolvimento harmônico em seu seio”³⁹. George H. Mead, um dos principais pragmatistas, ao ser chamado para avaliar a mensagem de Berkeley no bicentário de sua chegada à América, concluiu que, ao remover o que considerava a roupagem do século XVIII da teoria de Berkeley, encontrou um naturalismo radical expresso em termos teológicos, uma visão de “que a natureza de nossa experiência é a mesma que a natureza do universo responsável por ela”⁴⁰. Morris R. Cohen só conseguiu enxergar em Berkeley uma teoria que repousa sobre uma “confusão entre um truísmo e um absurdo”⁴¹. John Dewey via Berkeley como um marco na história da metafísica, por ele ter destruído a tríplice divisão da natureza em mente, ideias e matéria, uma divisão que, segundo Dewey, prejudicou enormemente o progresso da ciência, ao suscitar todo tipo de dificuldades metafísicas. A análise de Berkeley sobre o problema das qualidades primárias e secundárias destruiu esse esquema. No entanto, em vez de chegar à conclusão naturalista de que as três classes de entidades podem e devem ser

³⁸ John Wild, *George Berkeley* (Cambridge, Mass., 1936); e F. J. E. Woodbridge, ‘Berkeley’s Realism’, in *Studies in the History of Ideas*, I, ed. by the Department of Philosophy, Columbia University (New York, 1918), pp. 188-215.

³⁹ George Santayana, *Reason in Common Sense* (London, 1905), p. 109, *Persona and Places* (New York, 1944), p. 242, *The Realm of Matter*, pp. 168-71, e ‘Apologia Pro Mente Sua’, in *The Philosophy of George Santayana*, P. A. Schilpp (ed.) (New York, 1951), pp. 534 e 574.

⁴⁰ George H. Mead, ‘Bishop Berkeley and his Message’, *Journal of Philosophy*, xxvi (1929), pp. 421-30.

⁴¹ Morris R. Cohen, *Reason and Nature* (London, 1931), pp. 311-3.

reduzidas a uma única categoria ontológica, e de que o problema do conhecimento pode ser formulado em termos de uma análise pragmática ou instrumentalista sem levantar os problemas da filosofia do século XVII, Berkeley manteve o problema em grande parte em sua forma original, recriando uma versão modificada da ontologia anterior⁴².

Na atualidade, Berkeley é de certa forma um vilão para o pragmatismo e o naturalismo, de certa forma um herói para o idealismo e um grande herói e um grande fracasso para os positivistas contemporâneos. Dada a dificuldade de determinar qual direção a filosofia americana eventualmente tomará, se está entrando numa era de positivismo como o último reduto dos sobreviventes do Círculo de Viena, ou se está continuando sua tradição pragmatista, ou se está se afastando de ambas rumo a uma era metafísica americana, ou se está fadada a seguir a França e a Alemanha na direção do existencialismo, está além da minha competência julgar. Mas, qualquer que seja a direção que tome, o ensinamento do Bispo Berkeley continuará sendo uma parte vigorosa de seu legado, um ponto de partida, um lugar ao qual retornar para estudos mais aprofundados e uma base para lançar-se em novas direções. A influência do primeiro amigo filosófico da América teve seus altos e baixos, da adoração do herói à sua rejeição, de novas avaliações a novas rejeições. Mas, na maturidade filosófica da América, Berkeley encontrou seu lugar como uma das figuras centrais da herança filosófica americana. Uma figura que deve ser relida, reestudada e reabsorvida a cada etapa da evolução intelectual da América. O conselho do discípulo americano de Berkeley, Samuel Johnson, finalmente se tornou uma realidade no pensamento americano. “Embora eu não queira me apegar muito a qualquer autor ou sistema em detrimento dos demais, quem estiver familiarizado com os escritos do Bispo Berkeley perceberá que devo, de modo particular, a esse excelente filósofo, várias das reflexões que aparecem no tratado a seguir. E não posso deixar de recomendar a qualquer um que deseje pensar com rigor sobre esses temas, que leia todas as obras desse grande e nobre cavalheiro... se não por outro motivo, ao menos por este: que elas o conduzirão da melhor maneira a pensar com profundidade e a pensar por si mesmo”⁴³.

⁴² John Dewey, *The Quest for Certainty* (New York, 1929), p. 121, *Experience and Nature* (Chicago, 1925), pp. 139-40, e *Intelligence in the Modern World* (New York, 1939), introdução de Joseph Ratner, pp. 34-5 and 44-5.

⁴³ Samuel Johnson, Advertisement to *Elementa Philosophica*. In *Samuel Johnson, His Career and Writings*, II, p. 360.